

A MEMÓRIA ORAL ABORDADA NO PROGRAMA MINHA VOZ, MINHA VEZ¹

THE ORAL MEMORY IN THE PROGRAM MINHA VOZ, MINHA VEZ

Bárbara Torisu Lemos²

Resumo

A oralidade é a forma de comunicação que permite o compartilhamento de memória. O audiovisual surge, nesse contexto, como uma forma de transmitir essas memórias. O presente artigo busca estudar o programa Minha Voz, Minha Vez produzido pela TV UFOP e como a memória oral está presente neste produto. Para o estudo da memória e da memória oral utilizamos os conceitos de memória e memória oral dos autores Walter Ong, Ecléa Bosi, José Carlos Sebe Bom Meihy e Michel Pollak. E para falar sobre entrevista, como uma forma de coletar dados relevantes sobre o programa escolhido, estudamos os autores Paul Thompson, Pedro Lipcovich e José Carlos Sebe Bom Meihy.

Palavras-chave: Memória. Memória oral. Entrevista. Registro.

Abstract:

The orality is a form of communication that allows memory sharing. The audiovisual media comes up at this context as a form to transmit memories. This article's propose is to study TV program's Minha Voz, Minha Vez, produced by TV UFOP and how the oral memory is presented in the program. For the memories and oral memories studies we used concepts by the authors Walter Ong, Ecléa Bosi, José Carlos Sebe Bom Meihy and Michel Pollak. When we approach the interview, as a form to collect data about the TV program, we studied the authors Paul Thompson, Pedro Lipcovich and José Carlos Sebe Bom Meihy.

Key-words: Memory. Oral memory. Orality. Interview. Record. Minha Voz, Minha Vez.

Introdução

A memória é uma representação do passado, ela é viva e pode ser acionada pelas pessoas. Tradicionalmente, conhecemos os documentos escritos como fontes de registro dessas memórias. No entanto, elas também podem ser expressas de formas orais.

Essas histórias que eram registradas sempre se remetiam a grandes feitos políticos e econômicos que ocorriam dentro da sociedade. Dessa forma, as histórias que abordavam o

¹Artigo desenvolvido na disciplina “Memória Oral e História da Comunicação”, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Memórias e Vínculos Comunicacionais, do VI ComCult, Universidade Paulista, Campus Paraíso, São Paulo - Brasil, 08 a 09 de novembro de 2018.

²Aluna da disciplina isolada oferecida pelo PPGCOM-UFOP barbaratorisulemos@gmail.com

cotidiano e a vida das pessoas comuns não eram consideradas relevantes e eram deixadas de lado.

No século XVIII, segundo Peter Burke (1992), houve um movimento internacional da escrita de um tipo de história que não estaria ligada, apenas, a acontecimentos militares e políticos. Essa nova perspectiva abriu caminhos para serem estudados, assim, foi possível focar em outros pontos relevantes como as leis, o comércio, a maneira de determinar uma sociedade, seus hábitos e costumes, em conjunto com o espírito da época. Burke (1992) faz um recuo no tempo para ressaltar essa questão da escrita e das novas perspectivas da oralidade, que foram difundidas por meio da Escola do Annales, no século XX.

Essa nova história, que propõe um olhar para os fatos que não são de grande notoriedade, encontrou alguns problemas em relação às fontes a serem consultadas. Se os meios tradicionais se voltam para os documentos escritos, essa nova tendência busca outros tipos de fontes para suplementar os documentos oficiais, como a história oral, as imagens e a estatística.

Como forma de se atentar a essa nova história e o registro das lutas das pessoas comuns, o seguinte artigo busca investigar como a memória e a memória oral são abordados no programa Minha Voz, Minha Vez, produzido pela TV UFOP. Para fundamentar essa discussão, utilizamos os conceitos de memória e memória oral dos autores Walter Ong, Ecléa Bósi, José Carlos Sebe Bom Meihy e Michel Pollak.

A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica dos autores citados acima, em diálogo entrevista com o diretor de produção do programa, Thiago Meira, com base nos autores Paul Thompson, Pedro Lipcovich e José Carlos Sebe Bom Meihy. A partir deste estudo, conseguimos chegar à conclusão de que a memória é uma forma de registro da história dos indivíduos e a memória oral é a forma como ela é passada para outros membros da sociedade.

Este artigo é dividido em cinco partes, sendo a primeira a introdução; a segunda, a apresentação dos conceitos de memória e memória oral; a terceira, sobre a entrevista; a quarta, a apresentação do programa e a quinta, a conclusão.

Memória e memória oral

O uso da expressão oral é mais antigo do que conseguimos imaginar. As sociedades ágrafas - aquelas que não fazem o uso da escrita – tinham como forma de comunicação

apenas a oralidade. Nessas culturas que não fazem o uso dos textos escritos, o pensamento dos indivíduos oriundos dessa sociedade estava apoiado na comunicação oral.

Dessa forma, esses indivíduos criavam pensamentos memoráveis, como forma de evitar o esquecimento, reter e recuperar essas informações. Assim, as construções desses pensamentos possuíam um ritmo fácil de ser lembrado. Segundo Walter Ong (1998), “o pensamento prolongado, quando fundado na oralidade, até mesmo nos casos em que não se apresente na forma de versos, tende a ser altamente rítmico, pois o ritmo auxilia na recordação, até mesmo psicologicamente” (p. 45).

A memória oral é um dos trunfos nas culturas orais. Nas culturas letradas, os indivíduos podem recorrer a um texto determinado para poder conferir a informação quando for preciso. Já na utilização apenas do oral, as informações são apresentadas repetidas vezes com um conteúdo, estilo e estrutura formular que se mantém de execução para execução. Para Ong (1998) “as palavras proferidas são sempre modificações de uma circunstância total, existencial, que sempre envolve o corpo. A atividade corporal que acompanha a mera vocalização não é eventual ou arquitetada na comunicação oral, mas natural e até mesmo inevitável” (p. 81).

Quando um orador se dirige a um público, os ouvintes normalmente formam uma unidade, consigo mesmo e com o orador. O processo de fala em conjunto com o de ouvir promove a interação entre dois indivíduos ou mais.

Para Ecléa Bósi (2003), a memória oral é um instrumento precioso para a construção das crônicas do cotidiano. Porém, ela corre o risco de cair numa “ideologização” da história do cotidiano, como se ela fosse o contrário da história política hegemônica.

Seguindo essa perspectiva, Peter Burke (1992) afirma que tudo tem uma história, assim, tudo possui um passado que pode ser construído e relacionado com outros passados, como as memórias coletivas. Para ele, a história tradicional oferece uma visão de cima, no sentido de que tudo tem que ser concentrado nos grandes feitos dos grandes estadistas, homens, generais e, até mesmo, os eclesiásticos. A outra parte da humanidade foi destinada a um papel secundário na história.

Essa passagem de Burke se relaciona com o que Bósi comenta sobre as crônicas do cotidiano que, também, pode produzir histórias, memórias e lembranças, que fogem dos grandes feitos políticos, que foram documentados e registrados.

Minha Voz, Minha Vez tem como objetivo trazer esse lugar de fala do negro. Dessa forma, o programa luta contra essa hegemonia da história do branco e busca mostrar, por meio da história de vida de pessoas, quem está lutando para dar visibilidade ao negro. A entrevistada Efigênia Carabina apresenta essa concepção em sua fala, quando ela remete ao distrito de Bento Rodrigues (2017) que foi destruído³: “[...] mas a história do meu pai continua através da gente. E a gente tem história e a gente não pode perder as raízes. As raízes da gente são muito importantes”. Na fala da personagem, ela mostra como é importante manter viva as nossas raízes e como as pessoas são as provas vivas dessa herança.

Para José Carlos Sebe Bom Meihy (2005), a memória, seja ela individual ou coletiva, se tornou matéria prima para a formulação de narrativas que se amparam em lembranças e referências, que dispensam provas ou enquadramentos científicos, que foram confirmados por documentos escritos, arquivados e protocolados. A memória é um dos campos de estudo da História Oral. Para Meihy (2005), “história oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do ‘tempo presente’ e também conhecida como ‘história viva’” (p.17). Assim, a história oral nasce dessa necessidade de registrar todas essas memórias que não estão presentes nos documentos oficiais.

[...] à história oral interessa as versões aprendidas pelas memórias que têm estruturas diversificadas dos registros escritos. Distorções, mentiras, esquecimentos, sonhos, silêncios e silenciamentos devaneios tornavam-se mote de reflexões filtradas pela memória. Isto foi implicando procedimentos distintos entre o labor do historiador e dos oralistas e, logicamente, interferia no sentido das entrevistas. (MEIHY, 2008, p. 144)

A história oral combina as funções de registrar e divulgar as experiências relevantes para os indivíduos que irão consumir as entrevistas. De forma que será criado o registro da história local. A partir disso, segundo Meihy (2005), “a valorização do indivíduo e o seu reenquadramento em contextos capazes de distingui-lo significou uma outra forma de viver socialmente” (p. 93). Criando, assim, um registro da história local e ao mesmo tempo, em que melhora a auto-estima daquela comunidade local, pois eles passaram a se identificar como parte daquele local.

³ Efigênia Carabina se remete ao distrito de Mariana, Bento Rodrigues, local onde seu pai nasceu e que foi soterrado em novembro de 2015 pelo rejeito da barragem de minério de ferro, da mineradora Samarco, que se alastrou até o mar destruindo cidades e o rio doce até chegar no mar.

Podemos identificar essa situação no programa Minha Voz, Minha Vez, quando os entrevistados contam sobre a sua história. Todos eles vieram de regiões periféricas de Ouro Preto, em locais onde o turismo não chega, ou seja, não são conhecidos e, ao mesmo tempo, esquecidos pelos demais moradores da cidade. Podemos identificar essa situação na fala de um dos entrevistados, o Teko Rosa⁴:

Eu morava próximo ao centro histórico. Morava ali na Cruz das Almas e ali, a gente tinha uma vida que não era nossa. Eu tinha uma cultura completamente diferente. Eu não conhecia qual era a minha história. A partir do momento que eu fui morar em uma comunidade de Ouro Preto, aí que eu comecei a entender onde que eu estava, o que que eu precisava, ou seja, conhecer minha própria história. Aí eu comecei a me envolver culturalmente com as comunidades. (SANTOS, Sidnéa, 2017)

Para Michael Pollak, nas pesquisas de história oral são recolhidas as memórias individuais e coletivas. Para ele, essas memórias podem ser transferidas de pessoa para a pessoa, de forma que, ela pode ser construída, tanto individualmente quanto coletivamente. Os acontecimentos são registrados na memória dos indivíduos e essas lembranças que eles têm são percepções da realidade. Porém, essas recordações podem sofrer mudanças.

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (POLLAK, 1996, p. 201)

Porém, nem todas as memórias são flutuantes. Existem algumas que ficam marcadas na vida das pessoas e, assim, Pollak (1992) apresenta três elementos que são constitutivos da memória individual ou coletiva.

O primeiro é o acontecimento vivido pessoalmente ou “vivido por tabela”, no qual uma determinada situação foi vivida pelo grupo à qual o indivíduo se sente pertencente. Nesse caso, o indivíduo sente que determinado acontecimento é tão relevante que ele sente que viveu aquilo. O segundo são as pessoas e os personagens que constituem essas memórias. Esse elemento se trata dos indivíduos que ajudam a criar a memória, que podem ser conhecidos pessoalmente pelas pessoas ou por tabela. O terceiro e último são os lugares que estão ligados à memória e as lembranças pessoais. Eles podem estar apoiados no tempo

⁴ O programa foi publicado no youtube no dia 6 de fevereiro de 2018. Acesso em 20 de jul. de 2018. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=g851Uo5Wbv8&list=PLs8htm2m93ir38GhJPVuT91mRMCikJfJF&index=7>

cronológico ou não. Assim, o programa busca resgatar essa memória do negro por meio desses personagens que foram entrevistados.

Como já foi mencionado, a memória é o registro da vivência das pessoas que podem ser tanto individuais quanto coletivamente. No programa analisado, essas memórias são de personagens específicos, no entanto, elas representam situações que outros indivíduos negros da cidade também viveram.

A entrevista

Como forma de realizar o estudo deste programa, buscamos responder a questão “como a memória e a memória oral são trazidas no programa Minha Voz, Minha Vez? ”, para isso optamos por fazer a discussão conceitual, que foi feita ao longo do segundo intertítulo e a entrevista. A entrevista foi feita com o diretor de produção e produtor do programa, Thiago Meira, com o objetivo de entender como se deu alguns dos processos de execução do programa.

Meihy (2008) afirma que a entrevista é uma prática antiga, legítima e usada de diversas formas diferentes por diferentes profissionais, como jornalistas, psicólogos, antropólogos e sociólogos. Assim, essa forma comumente usada em diversos campos das humanidades, no entanto, ela se diferencia quando é utilizada na história oral. Para o autor,

a entrevista em história oral tem fundamento menos como atestado de verdade ou referência documental escrita e mais como discurso que tem uma lógica própria apoiada na conjunção de fatores biológicos e culturais de quem ao recordar se coloca como narrador de uma aventura. (MEIHY, 2008, p. 145)

O autor diferencia três tipos de história oral, como a história oral de vida, a história oral temática e a tradição oral. A história oral de vida é feita por meio da entrevista livre ou no máximo de estímulos fornecidos pelo colaborador. Nessa situação, o esquema “pergunta e resposta” não é tão efetivo e sim da possibilidade de uma narrativa facilitada. Esse tipo de história oral trata da narrativa da trajetória de vida de uma pessoa e é essencial que as entrevistas sejam abertas ou livres e que os entrevistados tenham espaço para falar. De forma que o entrevistado se sinta à vontade para contar da sua vida e apresentar os seus próprios argumentos.

A proposta visa dar ao narrador maior arbítrio para que sua experiência seja encadeada segundo sua vontade e condições. A experiência deve, desde logo, ser o alvo principal das histórias orais de vida, pois não se busca a verdade e sim a versão sobre a moral existencial. (MEIHY, 2008, p. 146)

Já a história oral temática é mais pontual, pois ela está mais atenta a precisão, acolhedora das referências que estão comprometidas com a clareza. Esse tipo de história oral é mais objetivo, de forma que os assuntos que forem tratados na entrevista são recortes específicos selecionados para cumprir um determinado fim.

A tradição oral é utilizada como recurso para a compreensão de grupos ágrafos ou as que não possuem história escrita. Para Meihy (2008), essa é uma das expressões de história oral mais complexa, pois ela trabalha com a continuidade de mitos e com a visão de mundo de culturas nos quais seus valores são filtrados pelas estruturas mentais que transmitem oralmente.

Desses três tipos de história oral, a que mais se assemelha ao método utilizado pelo programa foi a história oral temática, apesar desse trabalho não ter seguido os procedimentos de história oral. Dessa forma, por mais que as entrevistas feitas com os personagens abordem a sua vida – o que poderia confundir com a história oral de vida –, as entrevistas são orientadas por meio de perguntas que tratam do tema que a está em questão, que é o envolvimento desses indivíduos com o movimento negro dentro da sociedade ouropretana.

Todos os programas têm aproximadamente 15 minutos e eles se iniciam com uma fala do próprio entrevistado se apresentando, com seu nome e o que ele faz. Após esse início, a entrevistadora inicia a conversa pedindo que o colaborador “conte um pouco mais da sua história de vida”. Dessa forma, eles iniciam o diálogo falando de alguns fatos da sua história de vida.

As entrevistas não dizem respeito apenas ao colaborador. Ela também está diretamente ligada ao entrevistador. Para Pedro Lipcovich (2005), as entrevistas “son diálogos, conversaciones breves en las que el reportero debe poner en juego su *capacidad* para *relacionarse*, su trato respetuoso y cordial y su *empatía*”.⁵

A partir disso, percebemos que é criada uma relação entre o entrevistador e o entrevistado, de forma que o entrevistado passa a ser conhecido na história oral como o colaborador. Meihy (2005), afirma que o “‘colaborador’ é um termo importante na definição do relacionamento entre o entrevistador e o entrevistado. Sobretudo, é fundamental, porque estabelece uma relação de compromisso entre as partes”.

⁵ Tradução própria: são diálogos, conversações breves nas quais o repórter deve colocar em jogo sua capacidade para relacionar-se, seu tratamento respeitoso e cordial e sua empatia.

Lipcovich (2005) afirma que “en cualquier caso, y aun en los límites de la práctica habitual, donde el periodista representa a un medio de comunicación socialmente legitimado, la autoridad deve ser ratificada y cons-truida, para cada entrevista en particular, por la acción del periodista”⁶ (p. 115). Dessa forma conseguimos perceber que independente do entrevistador ocupar a posição de representante de um jornal, ele deve reconstruir a sua autoridade em cada entrevista que ele faz. Isso ilustra como o entrevistado, também, promove alterações na entrevista, que vão além das memórias que ele está compartilhando para a execução desse projeto.

A função do entrevistador vai muito além de apenas fazer as perguntas, ele deve conquistar a confiança do entrevistado, para que ele lhe dê acesso às suas memórias, “conceptualmente: la autoridad del periodista que lo faculta para conducir la entrevista, sólo puede ejercerse a partir de una autorización implícita por parte del entrevistado; obtener esta autorización es función del periodista” (Lipcovich, 2005, p.117). Por isso, a Sidnéa foi escolhida para ser a apresentadora do programa, pois ela já possuía um envolvimento com a comunidade.

Seguindo essa mesma perspectiva, Paul Thompson (1992) afirma que o entrevistador bem-sucedido necessita de qualidades essenciais, como o respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas relações em relação a eles; capacidade de demonstrar simpatia e compreensão e acima de tudo, ter disposição para ficar calado e escutar. Nos episódios do programa Minha Voz, Minha Vez é possível identificar essas questões que envolvem a entrevista no programa.

Existem alguns princípios para a elaboração de perguntas. É preciso elaborar perguntas simples, diretas e em linguagem comum. “Conseguir ir além das generalizações estereotipadas ou evasivas e chegar a lembranças detalhadas é uma das habilidades, e das oportunidades, básicas do trabalho de história oral” (Thompson, 1993, p. 261).

Para chegar ao objetivo do programa é preciso que toda uma produção seja feita antes. A escolha dos personagens, do entrevistador, dos locais de entrevista e as perguntas são de extrema importância para entrevistar o colaborador quando o tema é memória. Todos os pontos relatados podem aparecer através de estímulos feitos pelo entrevistador.

⁶ Tradução própria: em qualquer caso, e ainda nos limites da prática habitual, de onde o jornalista representa um meio de comunicação socialmente legitimado, a autoridade deve ser ratificada e construída para cada entrevista em particular, pela ação do jornalista.

O programa Minha Voz, Minha Vez

Essa primeira introdução sobre a memória e a memória oral serve para apresentarmos o objeto a ser estudado. O programa Minha Voz, Minha Vez foi produzido pela TV UFOP⁷ em parceria com a Casa de Cultura Negra de Ouro Preto, no ano 2017, com o objetivo de valorizar a cultura negra da região. Por meio de entrevistas com personagens engajados no movimento negro na cidade, o programa busca fazer debates sobre preconceito, políticas públicas e a participação das/dos negras e negros na sociedade.

A primeira temporada consiste em oito episódios e os personagens escolhidos para serem entrevistados foram Du Veloso, Efigênia Carabina, Diego Fernandes, Solange Palazzi, Márcia Valadares, Antônio Orlando (Toninho B-boy), Teko e Katia Silvério. A produção conta com a ajuda da Sidnéa Santos, que foi produtora e apresentadora do programa, e demais membros da TV UFOP. Segue a ficha técnica dos membros da equipe da emissora:

Coordenação de Comunicação Institucional: André Luís Carvalho

Coordenação de Conteúdo: Fernanda Luíza Lima

Coordenação Técnica: Yura Netto

Apresentação: Sidnéa Santos

Direção de Produção: Thiago Meira

Direção e Fotografia: Gabriel Caram

Roteiro: Sidnéa Santos e Thiago Meira

Som Direto: Matheus Maia

Imagens: Elias Figueiredo, Elvis Rodrigues e Gabriel Caram

Produção: Gabriela Telésforo

Edição e Finalização: Gabriel Caram

Mixagem e Finalização de Som: Matheus Ferro

Trilha Original: Matheus Ferro

Arte Gráfica: Matheus Marques

Controle Mestre: Fabiana Santos e Leonardo Penna

Motorista: Suzana Barbosa

⁷ A TV UFOP é uma emissora educativa e de concessão da Fundação de Rádio e Televisão de Ouro Preto (FEOP). Foi colocada no ar em 2011 e seu objetivo é promover o diálogo da emissora com a comunidade local, por meio da comunicação pública. Informações disponíveis em < <http://www.tv.ufop.br/quem-somos>>. Acessadas em 20 de jul. de 2018.

Para entender melhor como aconteceu o processo de produção do programa, optamos por realizar uma entrevista com o diretor de produção, Thiago Meira⁸, que realizou o trabalho de produção e direção do programa. A direção do programa foi dividida em duas, a primeira feita por Thiago, na qual era feita a direção de conteúdo e a segunda, que foi a direção de fotografia e imagem feita pelo Gabriel Caram, outro integrante da TV UFOP.

O programa surgiu como forma de olhar para um público que é de Ouro Preto e que assiste a TV UFOP, mas não era muito contemplado pela instituição, que é o próprio ouropretano. A vertente pensada para esse programa é a do negro, pois Ouro Preto é uma cidade onde a maior parte da sua população é negra. Para o diretor de produção do programa, Thiago Meira (2018), “muitas pessoas não se reconhecem nessa história de Ouro Preto. Às vezes, até buscam referências negra em outros lugares e se esquecem que ali tem uma tradição e uma cultura negra fortíssima. ”

Para Bosi (2003), “a história que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios” (p.15). Para a autora, focar apenas em fontes escritas – consideradas oficiais – não consegue contemplar todas as características existentes dentro dos relatos. A temática do programa aborda a questão de quem não está incluso nos registros oficiais, que no caso é o negro na cidade. “A gente pensou que seria com essa temática, o negro e Ouro Preto. Que negro que é esse que construiu Ouro Preto? E que ainda constrói e que faz ainda essa cidade movimentar”. (MEIRA, Thiago, 2018).

A partir dessa ideia de produzir um programa voltado para essa comunidade ouropretana foi necessário pesquisar quem seriam os entrevistados e como a produção poderia chegar a essas pessoas. Como forma de solucionar essas questões, a equipe da TV chegou ao nome da Sidnéa Santos, que é historiadora e pesquisadora da cultura negra, em Ouro Preto. A princípio, ela seria entrevistada, mas depois de uma reflexão “a gente já conhecia ela [Sidnéa Santos] muito bem, tanto a questão de vídeo dela, e a gente achou que ela seria a pessoa que na verdade vai trazer toda a contribuição que a gente precisa e, ainda, vai dar o tom da conversa. ” (MEIRA, Thiago, 2018)

A partir dessa perspectiva, conseguimos perceber que a Sidnéa se integra no projeto mais do que como apresentadora. Ela se torna um ponto de contato, o elo que junta a equipe

⁸ A entrevista foi concedida pelo diretor de produção para a escrita deste artigo.

da tv junto à comunidade da ouropretana. Meira afirma que quando eles foram conversar com Sidnéa, eles perceberam que ela tem o domínio da história de Ouro Preto, ela conhece muitas pessoas e conhece, também, particularidade dessas pessoas. Além disso, ela problematiza as questões com muita facilidade, devido a sua formação e à luta da apresentadora pelo movimento negro.

Considerações finais

A partir da utilização dos conceitos de memória e memória oral e a utilização da entrevista como um dos métodos para conseguir entender mais sobre o objeto, o programa Minha Voz, Minha Vez. Para Meihy (2008) “a memória é, pois a grande avenida por onde transitam argumentos conexos que, em última análise, representariam a explicação da experiência humana dos entrevistados” (p. 146), a memória existe no programa na questão de que o conteúdo dos programas.

Minha Voz, Minha Vez é um programa de memória oral, pois é por meio das entrevistas que os colaboradores contam sobre a sua vida e as suas memórias. A memória oral é mais do que apenas lembrar, “podemos colher enorme quantidade de informações factuais, mas o que importa é delas fazer emergir uma visão do mundo” (Bosi, 2004, p. 19). E “a fonte oral sugere mais que afirma, caminha em curvas e desvios obrigando a uma interpretação sutil e rigorosa (Bosi, 2003, p. 20).

Conseguimos perceber que o registro das memórias vai muito além dos registros escritos. O programa mostra por meio de um programa audiovisual a memória dos oito entrevistados do programa.

O ato dessas pessoas contarem a sua história mostra a participação delas no movimento negro em Ouro Preto. Por mais que eles falem da sua vida, o tema central que as une e norteia o programa e o movimento negro.

A entrevista, também, contribui no que diz respeito à construção e execução do programa. É por meio das perguntas feitas pela apresentadora, que os entrevistados são orientados a contar da sua vida e do seu envolvimento com o movimento negro na cidade. No início, a entrevistadora pede que eles contem um pouco da sua vida, porém, eles já são orientados a falar do seu envolvimento com as questões do negro no município.

Além do estudo sobre memória, memória oral e a entrevista, sentimos a necessidade de realizar uma entrevista com o diretor de produção do programa, pois essa entrevista

contribuiu para promover o maior entendimento de como o surgimento do programa, como os entrevistados eram escolhidos e como as entrevistas eram feitas.

Todos esses elementos apresentados contribuem para entendermos que a o programa é ajudam a promover o debate sobre as políticas públicas dos negros, a sua participação na sociedade por meio da apresentação da memória oral de personagens que realizam essa luta dentro de Ouro Preto.

Referência

ALBERTI, V. De “versão” a “narrativa” no Manual de história oral. *ABHO – História Oral*, v. 5, n. 2, p. 159-166, jul./dez. 2012.

BURKE, P. A Nova História, seu passado e seu futuro. In: _____. (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p. 1-13. Disponível em: <http://etnohistoria.fflch.usp.br/sites/etnohistoria.fflch.usp.br/files/Burke_Nova_Historia.pdf>> Acesso em: 18 jul. 2018.

BOSI, E. A substância social da memória. In: _____. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 13-35.

LIPCOVICH, P. La entrevista periodística como vínculo intersubjetivo. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, n. 2, p. 111-121, jun./dez. 2005.

MEIHY, J. A trajetória da história oral. In: _____. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 89-104.

MEIHY, J. Palavras aos jovens oralistas: entrevistas em história oral. *Oralidades*, São Paulo, ano 2, n. 3, p. 142-150, jan./jun. 2008.

ONG, W. Sobre a psicodinâmica da oralidade. In : _____. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas: Papirus, 1998. p. 41-91.

POLLACK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/1941/1080>>. Acesso em: 5 set 2016.

SANTOS, S. *Minha Voz Minha Vez | Teko*. 2017. (15:00). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=g851Uo5Wbv8&list=PLs8htm2m93ir38GhJPVuT91mRMCikJfJF&index=7>> . Acesso em: 5 set 2016

BUCHMANN, K. *Provando comidas bizarras*. 2017. (12m36s). Disponível em: <<https://youtu.be/3XvnaonC0U8>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

THOMPSON, Paul. A entrevista. In: _____. *A voz do passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 254-278.